

Notícias do Altermundo*

Silvio Caccia Bava

Silvio Caccia Bava é sociólogo, coordenador executivo do Instituto Pólis e membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

Publicado em: 19/11/2003

Os altermundialistas se reuniram mais uma vez, de 12 a 15 de novembro, em Paris. São 50 mil pessoas que vieram de todas as partes da Europa, às quais se somaram participantes de todos os continentes. São representantes de movimentos sociais, de sindicatos, de ONGs, de entidades de todo tipo, todos da sociedade civil. Seu lugar de encontro foi o Fórum Social Europeu.

Embora talvez ainda não se reconheçam por este nome, os altermundialistas também se reuniram no Brasil, em Belo Horizonte, de 6 a 9 de novembro, poucos dias antes da reunião na Europa. Foram 20 mil pessoas com esse mesmo perfil, todos da sociedade civil. Seu lugar de encontro foi o Fórum Social Brasileiro.

Em muitas outras partes eles também estão se reunindo para discutir o Altermundo, enfrentando suas questões regionais e preparando-se para o IV Fórum Social Mundial, a se realizar na Índia, em janeiro de 2004. Sua última e maior manifestação mundial reuniu 15 milhões de pessoas, que marcharam em passeatas pelas ruas de dezenas de cidades do planeta, contra a invasão americana do Iraque, pela paz, no dia 15 de fevereiro deste ano.

Entre suas mais recentes manifestações vale destacar algumas. Em julho de 2001, em Genova, 300 mil pessoas protestaram contra as políticas neoliberais durante a reunião do G8, os oito países mais ricos do mundo. Em Barcelona, em março de 2002, 300 mil pessoas protestaram contra a Europa “do capital”. A primeira reunião do Fórum Social Europeu, em Florença, em novembro de 2002, contou com a participação de mais de 500 mil pessoas. No III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em janeiro de 2003, participaram 100 mil pessoas. Elas demonstram um crescimento impressionante do que se convencionou chamar do “movimento dos movimentos”.

Na sua grande diversidade estes movimentos se reuniram e deram-se este nome: altermundialistas. Deixaram de ser o movimento antiglobalização neoliberal por acreditarem que, melhor do que ser do contra, é defender suas propostas para a construção de um mundo novo. É claramente um sinal de que saíram da defensiva e ganham terreno na disputa ideológica. Em recente edição, o “Financial Times” os identifica como os mais importantes antagonistas das políticas do presidente Bush.

Os altermundialistas afirmam que um outro mundo é possível, que as propostas de como construí-lo já existem, mas ainda não conseguem enfrentar a correlação de forças que impõem o neoliberalismo como doutrina de regulação internacional.

Numa análise de conjuntura, Vittorio Agnoletto, da Itália, em uma mesa que discutiu as perspectivas do movimento altermundialista, identifica a crise de hegemonia cultural do neoliberalismo, pois no imaginário da população mundial, especialmente dos países do Norte, há a compreensão de que suas políticas neoliberais desmontaram os sistemas públicos de proteção social e sempre resultaram no aumento do desemprego, da pobreza, da desigualdade. São políticas que só beneficiam o capital financeiro e grandes corporações multinacionais.

Na sua avaliação, são significativos os ganhos do movimento. As massivas e crescentes manifestações internacionais expressam uma novidade: uma ainda incipiente, mas verdadeira, aliança entre os povos. Os altermundialistas consideram que influíram na opinião pública mundial e nas decisões dos governos da França, da Alemanha e da Rússia de se oporem à guerra e ao unilateralismo dos Estados Unidos. Consideram que a ideologia de que são as forças “do mercado” que devem regular a vida em sociedade entrou na defensiva, e que organismos como o FMI, a OMC e o Banco Mundial perderam a legitimidade de que vinham desfrutando nos anos 90.

Os altermundialistas reconhecem que seus desafios, no entanto, são enormes. Que se trata, mais do que tudo, de uma disputa por corações e mentes, como afirma Bernard Cassen, diretor do jornal “Le Monde Diplomatique” e um dos organizadores do Fórum. Trata-se então de ampliar as bases do movimento, torná-lo mais massivo e mais ativo. Reforçar o poder da cidadania para influir no mundo da política, democratizando as decisões e criando um novo sistema de governança internacional.

O movimento europeu altermundialista se identifica como um movimento emancipacionista, de libertação, e quer: Uma Europa aberta ao mundo, defensora da paz, da justiça e da solidariedade; Uma Europa integrada, democrática, que garanta a todos seus cidadãos e cidadãs o pleno exercício de seus direitos econômicos, sociais, culturais, ambientais e, mais do que tudo, políticos; Uma Europa que subordine a lógica do lucro à justiça social, à sustentabilidade ambiental, à soberania alimentar; Uma Europa que assegure para todos informação, cultura e educação; Uma Europa defensora da igualdade de direitos, notadamente nas questões de gênero e raça, acolhedora para com imigrantes, refugiados e asilados.

Suas avaliações da conjuntura, no entanto, apontam para um período de dificuldades crescentes. Identificam que o imperialismo norte-americano encontrou seu novo Vietnã no Oriente Médio, e que sua reação frente à perda de hegemonia cultural e econômica poderá até levar a novas guerras, à ocupação de outros países. E que entre hoje e o futuro desejado poderemos passar por novas ditaduras e fascismos de novo tipo.

A recente reunião da OMC em Cancún, no México, é considerada um elemento da maior importância. Isto porque, pela primeira vez, os países do Sul romperam com as imposições “do mercado” e, através da criação do G21, defenderam seus interesses em contraposição aos interesses dos Estados Unidos e da União Européia. E apesar das retaliações dos EUA — que acabaram por provocar a saída de vários países do recém-formado G21 —, Índia, China, África do Sul e Brasil mantiveram-se na liderança desta nova articulação e com isso criaram uma nova

e importante condição de negociação na cena internacional, que precisa ser fortalecida pelos altermundialistas.

Na discussão sobre o futuro da Europa identificam-se alguns desafios: Os governos dos países da Europa construíram um projeto institucional conservador — a União Européia — que hoje é questionado por um novo movimento social europeu. Esse movimento precisa ganhar força pela atuação das redes de cidadania e conquistar a opinião pública européia. E tem como desafio imediato atuar no processo de elaboração da Constituição Européia, nos próximos seis meses.

A aliança conservadora entre os Estados europeus, que dá a direção para as políticas neoliberais, se expressa pelas ações da União Européia. Essas políticas atacam os direitos de cidadania e atuam para enfraquecer as contratendências que se pautam pela afirmação da solidariedade e pela garantia de direitos, que precisam ser reforçadas pela via dos movimentos internacionais.

A Europa se vê como superpotência, reafirmando uma herança cultural do seu passado colonial. Para que o movimento social europeu possa romper com essa herança e construir uma Europa aberta e solidária, ele precisa da participação ativa dos países do Sul. O que significa que a construção da nova Europa passa não pela aliança entre Estados, mas pela afirmação de uma aliança entre os povos.

As mobilizações pela paz e pela defesa de direitos ganham centralidade nesta conjuntura política e devem levar a massivas manifestações públicas. Duas manifestações já estão marcadas para esta semana. Em Londres, como reação à visita do presidente dos EUA à Inglaterra. Na Itália, no dia 22, exigindo do governo italiano a imediata retirada das suas tropas do Iraque.

Segundo Gus Massiah, vice-presidente do Attac francês, o movimento altermundialista precisa definir uma estratégia e combinar três frentes de lutas. No curto prazo lutar contra o belicismo do atual Governo americano e seu fundamentalismo; lutar contra as políticas neoliberais e pela defesa de direitos. No longo prazo construir uma ruptura com o sistema atual e uma alternativa anticapitalista para que um outro mundo seja possível.

*Texto publicado em 17/11/03 no Diário de São Paulo.